

## Projeto de Pesquisa

**Título:** Materialidades da cultura digital e a questão da cosmotécnica

**Autoria:** Prof. Dr. Carlos Eduardo Souza Aguiar

**Linha de Pesquisa A:** TECNOLOGIA, ORGANIZAÇÕES E PODER

**Grupo de Pesquisa:** TecnoCom - Tecnologia, Comunicação e Cotidiano

**Período de vigência:** abril de 2022 a abril de 2024

A emergência da cultura digital e a entrada em cena do Antropoceno são duas características do contemporâneo que exercem uma pressão contínua na vida de todos os dias. O que há em comum entre a cultura digital e o Antropoceno é que ambas são atravessadas pela dimensão tecnológica. Se na cultura digital esse atravessamento parece óbvio, também nas discussões sobre o Antropoceno, as técnicas e as tecnologias têm uma centralidade indiscutível. As inovações tecnológicas, quando não apontadas como iniciadores dessa nova época, aparecem como grandes vetores da grande aceleração (MCNEILL, 2016; STEFFEN; CRUTZEN; MCNEILL, 2007). Na proposição original, a palavra Antropoceno foi evocada, justamente, para sintetizar o processo no qual a humanidade e suas tecnologias se tornaram uma força geológica de amplitude telúrica (CRUTZEN, 2006). A partir da Revolução Industrial inglesa, teve início o processo de saída do Holoceno, a segunda época do Quaternário, para a entrada no Antropoceno. A centralidade é tamanha que muitos pensadores propuseram o conceito de tecnoceno (MARTINS; RAJAN; CRAWFORD, 2018)

Aqui é fundamental considerar a técnica para além da sua mera instrumentalidade, buscando escapar dos reducionismos tecnofóbicos ou tecnofílicos que muitas vezes marcam a epistemologia da comunicação (PETERS, 2017). Desde Martin Heidegger (2007), a filosofia da tecnologia nos mostra que as técnicas nunca são neutras. Dos primeiros aparatos à época do *Big Data*, a técnica condiciona o modo como somos/estamos no mundo e nos relacionamos, ou seja, ela cria um mundo em que não podemos deixar de habitar (GALIMBERTI, 2006), pois o mundo da técnica não se constitui como um conjunto de objetos e instrumentos isolados, mas como imbricado em um todo maior, uma rede (SIMONDON, 2005), entendida como dobra sobre outra dobra (LATOURE, 2019). Assim, se sempre habitamos um mundo técnico, é necessário

considerar a nossa atual condição tecnológica, marcada por dinamismos próprios das tecnologias digitais e em rede.

Nos últimos trinta anos, passamos de uma fase atrelada à chamada digitalização do mundo para a sua dataficação. Nos primórdios do digital, época da web 1.0, a tendência era a transformação de objetos e processos analógicos em entidades digitalizadas. Todo esse dinamismo estimulou o imaginário social, político e até religioso em direção a ideias transcendentais acerca de um mundo desmaterializado no qual a suposta equidade comunicativa trazida pelo digital iria conduzir a sociedade a formas socialmente mais justas, e a desmaterialização, a modelos de negócios ecologicamente responsáveis (AGUIAR, 2018).

No entanto, essa fase da digitalização já faz parte da arqueologia do digital e aquilo que vem condicionando de modo mais contundente nosso habitat contemporâneo é a chamada dataficação. Aqui não está em jogo uma sobreposição de mundos, um online e outro offline, mas um só ambiente no qual praticamente toda nossa vida é traduzida em dados digitais, que são quantificáveis, rastreáveis e performativos. Segundo André Lemos (2021), foi uma série de inovações tecnológicas que possibilitou essa tendência, em particular as redes sociais, a chamada *cloud computing* e o desenvolvimento dos algoritmos. A produção, captura e fornecimento de dados configura, na atualidade, não apenas a tendência mais contemporânea da comunicação, mas o eixo central do próprio capitalismo tardio (ZUBOFF, 2021).

A atual fase da cultura digital, apesar do imaginário da imaterialidade, é dependente de energia e materiais (PETERS, 2015), que continuam, de modo cada vez mais intenso, a pôr a natureza no sentido do requerer, mantendo a ideia de técnica, como já mostrara Heidegger, na chave da provocação e da submissão da natureza, sobretudo por conta da dataficação, que representa um custo energético substancial para viabilizar a captura, o tratamento e a circulação de dados. A cultura digital é composta por uma rede global que envolve terminais, *smartphones*, computadores, *tablets* etc. Todos esses aparatos se conectam por meio de infraestruturas de rede constituídas por cabos terrestres e submarinos, antenas, redes móveis, fibra óptica a fim de trocar informações armazenadas e processadas em *data centers* (CITTON, 2016). Cada um desses elementos requer energia não apenas para funcionar – a fase de uso – mas, antes disso, para serem

produzidos, sem esquecer do impacto do descarte, no qual o obsoleto, o descartável e o lixo eletrônico intensificam os processos degradadores (SILVA; AGUIAR, 2020).

Trata-se de uma *pathos* de escala planetária de demolição e produção que Achille Mbembe vai chamar de brutalismo, uma espécie de geo-poder que se expressa e se reconfigura por meio de fraturas e fissuras (MBEMBE, 2020, p. 15). Concretamente, a chamada pegada ecológica relacionada à cultura digital cresce a cada ano (BRATTON, 2015; CUBITT, 2017), revelando-se como uma dimensão que deve ser levada em conta em nossa epistemologia da Comunicação (LEMOS, 2020). Como destacado por Jussi Parikka (2015), essa noção de materialidade da cultura digital deve ser estendida, portanto, na direção das materialidades profundas e tempos profundos. No limite, para compreender a cultura digital devemos, antes, compreender as realidades materiais que precedem a própria técnica, isto é, a história da Terra, suas formações geológicas, seus minerais etc.

Diante desse brutalismo que, como nos recorda Mbembe, é a faceta do poder político no Antropoceno, nos parece fundamental reabrir a questão da técnica, rejeitando a singularidade da tecnologia moderna que em um movimento sem repouso, destrói e devora tudo ao redor (MBEMBE, 2020, p. 49). Pensar em outros futuros possíveis significa o abandono da pretensa universalidade e homogeneidade da tecnologia na versão moderna e sua essência “onto-antropológica”, ou seja, “O conceito de tecnologia precisa ser purgado de seus vieses masculinistas, brancos, ocidentais e pró-capitalista” (PETERS, 2017, p. 29) e ser olhado com base em outras cosmologias, como nos sugere Yuk Hui (2018, 2020), ampliando e pluralizando a categoria das técnicas pela inclusão de desvios e invenções tanto antigas como recentes (CASTRO; DANOWSKI, 2014), o que é o vetor de um verdadeiro reencatamento do mundo (AGUIAR, 2019; MAFFESOLI, 2009).

Eis um imperativo diante da “intrusão de Gaia”, justamente para renovar a compreensão da relação entre tecnologia e natureza, por meio da unificação da ordem cósmica e da ordem moral e sem cair no reducionismo segundo o qual a única saída é abandonar ou minar o desenvolvimento tecnológico (HUI, 2017, p. 2). Segundo o autor, aqui é fundamental levar em conta as contribuições da virada antológica, corrente da antropologia que une pensadores como Latour (2015), Descola (2005) e Viveiros de

Castro (2013), em particular o chamado urgente para incorporar outras cosmologias, precisamente para quebrar o naturalismo que por tanto tempo opôs natureza e cultura. Neste esforço necessário de construção de uma definição não antropocêntrica de tecnologia, o pensamento ameríndio tem um papel decisivo (VIVEIROS DE CASTRO; HUI, 2021).

É fundamental reintegrar natureza e técnica porque não há cosmologia que não seja cosmotécnica, dado que a técnica é parte da condição humana (LEROI-GOURHAN, 1945; SLOTERDIJK, 2010). Reintegração necessária mesmo reconhecendo o caráter paradoxal das tecnologias modernas (incluindo também as tecnologias de comunicação) que, se por um lado contribuem para a grande aceleração (SANTAELLA, 2015) e permitem a difusão do negacionismo, por outro, permitem uma visibilidade inédita tanto dessas outras cosmovisões, como da própria situação catastrófica da Terra (SILVA; AGUIAR, 2020). É fundamental uma visão mais ampla do conceito de tecnologia, o que passa por reabrir a questão da técnica por meio da afirmação das culturas não modernas e inventar cosmotécnicas de nossa época (HUI, 2017, p. 19). Se Isabelle Stengers (2009) fala em cosmopolítica – movimento de politização da ciência como forma de fazer face à barbárie, incluindo outras cosmovisões – poderíamos também pensar em uma espécie de politização da tecnologia e, conseqüentemente, da epistemologia da comunicação, por meio dessa ideia de cosmotécnica.

Assim, considerando o contexto das materialidades da cultura digital e a entrada em cena do Antropoceno, **o objetivo geral** desta pesquisa é explorar a fertilidade ética e tecnopolítica do conceito de cosmotécnica de Yuk Hui para a epistemologia da comunicação. Para tanto, é fundamental refletir sobre a atual configuração das tecnologias digitais, marcado pela dataficação, plataformização e as mediações algorítmicas por meio de suas materialidades, buscando compreender como as tecnologias digitais de comunicação ampliam o gasto energético e a crise ambiental. Pretendemos, igualmente, analisar a pregnância do conceito monolítico de tecnologia, tal qual apresentado por Heidegger, que associa sua essência a conversão de tudo em reserva ou recursos a serem explorados, nos atuais dinamismos da cultura digital, e avaliar como a proposta decolonial de cosmotécnica de Yuk Hui pode representar novos arranjos de resistência no Antropoceno.

Trata-se de um estudo de natureza exploratório, que visa, em um primeiro momento, traçar como **roteiro metodológico** o levantamento e estudo de dados bibliográficos dos novos dinamismos da cultura digital, buscando identificar o lugar do conceito de técnica nesses estudos, bem como, por meio do uso de fontes de bases secundárias, levantar os principais indicadores do impacto ambiental dessa cultura. Em seguida, empreenderemos uma revisão bibliográfica acerca da contribuição da cosmotécnica de Yuk Hui, identificando seu lugar tanto na filosofia da tecnologia como sua possível relevância na epistemologia da comunicação. Por fim, um mapeamento e descrição de ativismos e outras formas de mobilização no contexto nacional será realizado com o intuito de identificar contribuições para a construção de um diálogo da cosmotécnica com o pensamento ameríndio.

### Referências bibliográficas

- AGUIAR, Carlos Eduardo Souza. La sacralité numérique et la mystique de la technologie. *Sociétés*, v. 139, n. 1, p. 97, 2018. DOI: 10.3917/soc.139.0097.
- AGUIAR, Carlos Eduardo Souza. Technochamanisme et les mutations de l’imaginaire mystique contemporaine. *Études digitales*, v. 5, p. 143–157, 2019.
- BRATTON, Benjamin H. **The stack: on software and sovereignty**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2015.
- CASTRO, Eduardo Viveiros De. **A Inconstância da Alma Selvagem**. São Paulo : Cosac & Naify, 2013.
- CASTRO, Eduardo Viveiros De; DANOWSKI, Déborah. L’arrêt de monde. *In*: HACHE, Émilie (org.). **De l’univers clos au monde infini**. Bellevaux: Éd. Dehors, 2014. p. 221–339.
- CITTON, Yves. Notre inconscient numérique. Comment les infrastructures du Web transforment nos esprits. *Revue du Crieur*, Paris, v. 4, n. 2, p. 144–159, 2016.
- CRUTZEN, Paul J. The “Anthropocene”. *In*: EHLERS, Eckart; KRAFFT, Thomas (org.). **Earth System Science in the Anthropocene**. Berlin/Heidelberg: Springer-Verlag, 2006. p. 13–18.
- CUBITT, Sean. **Finite media: environmental implications of digital technologies**. Durham: Duke University Press, 2017.
- DESCOLA, Philippe. **Par-delà nature et culture**. Paris: Gallimard, 2005.
- GALIMBERTI, Umberto. **Psiche e techne o homem na idade da técnica**. São Paulo: Paulus, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. *Scientiæ studia*, v. 5, n. 3, p. 375–398, 2007.
- HUI, Yuk. On Cosmotechinics: For a Renewed Relation between Technology and Nature in the Anthropocene. *Techné: Research in Philosophy and Technology*, v. 21, n. 2, p. 319–341, 2017.
- HUI, Yuk. **The question concerning technology in China: an essay in cosmotechinics**. Second edition ed. Falmouth: Urbanomic, 2018.
- HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. Sao Paula: Ubu Editora, 2020.

- LATOUR, Bruno. **Face à Gaïa**. Paris: La Découverte, 2015.
- LATOUR, Bruno. **Investigação sobre os modos de existência: Uma antropologia dos modernos**. São Paulo: Vozes, 2019.
- LEMOS, André. Epistemologia da comunicação, neomaterialismo e cultura digital. **Galáxia (São Paulo)**, n. 43, p. 54–66, 2020.
- LEMOS, André. Dataficação da vida. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 21, n. 2, p. 193–202, 2021.
- LEROI-GOURHAN, André. **Milieu et Techniques**. Paris: Albin Michel, 1945.
- MAFFESOLI, Michel. **Le réenchantement du monde: une éthique pour notre temps**. Paris: Perrin, 2009.
- MARTINS, Hermínio; RAJAN, S. Ravi; CRAWFORD, Danielle. **The technocene: reflections on bodies, minds, and markets**. New York: Anthem Press, 2018.
- MBEMBE, Achille. **Brutalisme**. Paris: La Découverte, 2020.
- MCNEILL, Professor J. R. **The Great Acceleration: An Environmental History of the Anthropocene since 1945**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2016.
- PARIKKA, Jussi. **A geology of media**. Minneapolis ; London: University of Minnesota Press, 2015.
- PETERS, John Durham. **The marvelous clouds: toward a philosophy of elemental media**. Chicago ; London: the University of Chicago Press, 2015.
- PETERS, John Durham. “O que você diz de toda a minha falácia está errado”: sobre o *determinismo tecnológico*. **MATRIZES**, v. 11, n. 2, p. 13, 2017.
- SANTAELLA, Lucia. A grande aceleração & o campo comunicacional. **Intexto**, v. 0, n. 34, p. 46, 2015.
- SILVA, Dayana K. Melo Da; AGUIAR, Carlos Eduardo Souza. Os paradoxos da Comunicação ante o Antropoceno. **Revista ECO-Pós**, v. 23, n. 2, p. 12–32, 2020.
- SIMONDON, Gilbert. **L’individuation à la lumière des notions de forme et d’information**. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2005.
- SLOTERDIJK, Peter. **Règles pour le parc humain ; suivi de Domestication de l’être**. Paris: Mille et une nuits, 2010.
- STEFFEN, Will; CRUTZEN, Paul J.; MCNEILL, John R. The Anthropocene: Are Humans Now Overwhelming the Great Forces of Nature? **Ambio**, v. 36, n. 8, p. 614–621, 2007.
- STENGERS, Isabelle. **Au temps des catastrophes : résister à la barbarie qui vient**. Paris: la Découverte, 2009. v. 1
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; HUI, Yuk. For a Strategic Primitivism: A Dialogue between Eduardo Viveiros de Castro and Yuk Hui. **Philosophy Today**, v. 65, n. 2, p. 391–400, 2021.
- ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2021.